

J. Chasin e a descoberta do estatuto ontológico da obra de Marx

*Antônio José Lopes Alves**

Resumo:

O presente artigo pretende abordar e explicitar os principais resultados do esforço de pesquisa desenvolvido pelo prof. José Chasin acerca da obra marxiana, no que denominou de *retorno a Marx*. Uma das principais conquistas teóricas do mencionado projeto foi sem dúvida a determinação mais precisa do caráter da tematização de Marx, pondo em relevo o que constitui a especificidade de sua reflexão: um conjunto de demarcações de cunho ontológico, em particular, o primado da objetividade das coisas. Crivo de cunho eminentemente materialista, o qual teria, segundo Chasin, formatado o exame de entes e processos, e por este último continuamente enriquecido, dentro do que denomina unidade do saber. O que surge também é a postulação de uma nova relação entre filosofia e ciência, dentro da qual as duas formas de conhecimento se incrementam e se criticam reciprocamente, fazendo progredir ambas as instâncias do conhecer, tanto a particular quanto a universal.

Palavras-chave:

Marxologia; Cientificidade; José Chasin; Ontologia.

J. Chasin and discovery of the ontological statute of the work of Marx

Abstract:

This article aims to discuss and explain the main results of the search effort developed by Professor José Chasin about the work's Marx, as called Return to Marx. One of the major theoretical achievements of that project was undoubtedly a more precise determination of the character of tematization of Marx, putting emphasis on what is the specificity of his reflection: a set of demarcations of ontological stamp, in particular, the primacy of the objectivity of things. Sieve of highly materialistic stamp who would, according Chasin, formatted the test of loved and processes, and continuously enriched by the latter, which calls within the unity of knowledge. What also emerges is the postulation of a new relationship between philosophy and science, within which the two forms of knowledge is increased and that criticize each other, making progress both bodies of knowledge, both on the particular universal.

Key words:

Marxology; Scientific Standard; J. Chasin; Ontology.

* Graduado e mestre em filosofia pela UFMG. Doutorando e filosofia pela Unicamp. Professor de filosofia do Coltec-UFMG.

Escrito que pode ser entendido tanto como termo provisório de uma rota de investigação quanto como um novo ponto de partida, *Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica* demarca um momento de inflexão na pesquisa marxológica, com conseqüências que extravasam o terreno meramente acadêmico. Itinerário inaugurado sob a pressão teórico-prática de um diagnóstico grave: a inexistência nos círculos marxistas e afluentes – opositivos ou simpáticos a Marx – de um efetivo entendimento da natureza verdadeira do pensamento marxiano. Ausência que não apenas fere de morte a aproximação à obra de Marx, mas também condiciona como determinação adstringente o baixo nível da produção teórica acerca das diversas dimensões dos processos histórico-sociais. Nesse sentido, a importância do empreendimento chasiniano de *retorno a Marx* se mede pelo caráter extremamente gravoso das circunstâncias e do ambiente em que foi proposto e realizado. Um conjunto atravessado seja pelo desentendimento da reflexão marxiana, seja pela pura e simples hostilidade visceral ou epidérmica para com o padrão de racionalidade inaugurado pelo pensador alemão. Retorno a Marx que significa, num primeiro momento, necessariamente, ater-se aos termos e aos sentidos próprios dos escritos investigados e analisados. Ou seja, Marx por seus próprios textos, Marx em seus próprios termos.

Obedecendo a essa diretiva intelectual, anima o texto chasiniano a posição do *corpus* teórico marxiano sob a forma de passos de apreensão do real, por meio da produção de abstrações e concreção destas a partir do material. Não repisando, portanto, o caminho comumente trilhado de imputar a Marx uma forma lógica qualquer – “dialética” ou não – como o segredo de sua teorização. Tal compreensão foi pela primeira vez indicada e defendida por José Chasin em seu texto, a partir da tese da existência de uma *teoria das abstrações* em Marx. Seguindo os passos analíticos e os indicativos recolhidos da própria obra de Marx acerca desta questão, em especial os contidos na *Introdução de 1857*, Chasin desenvolve um exame cuidadoso das principais determinações dos procedimentos marxianos, buscando configurar um esboço de conjunto desta problemática.

Chasin explicita analiticamente certos elementos que constituem, segundo ele, o arcabouço da cientificidade marxiana, tais como as noções de *articulação*, de *momento preponderante* (*übergreifendes Moment*), de *abstração razoável* (*verständige Abstraktion*) e de *complexo* (cf. Chasin, 1995, pp. 420-433). Igualmente, chama a atenção para o fato de que a questão do conhecimento só pode obter resolução, do ponto de vista marxiano, em referência ao quadro mais geral de reconhecimento do por-si da coisa enfrentada, da posição de objetividade e da subsunção ativa do sujeito que conhece. Este último, ele mesmo um ente, determinado e complexo sintético de determinações objetivas de natureza social, em consonância com observações marxianas

contidas no posfácio à segunda edição de *O capital* (Cf. Marx, 1998, pp. 25-28).

Indicações e elementos de procedimentos que não configuram um método, no sentido usual, pois em Marx, como o afirma Chasin:

Não há caminho pré-configurado, uma chave de ouro ou uma determinada metodologia de acesso ao verdadeiro. (...) Não há guias, mapas ou expedientes que pavimentem a caminhada, ou pontos de partida ideais previamente estabelecidos. O rumo só está inscrito na própria *coisa* e o roteiro de viagem só é visível, olhando para trás, do cimo luminoso, quando, a rigor, já não tem serventia, nem mesmo para outras jornadas, a não ser como cintilação evanescente, tanto mais esquiva ou enganosa quanto mais à risca for perseguida, exatamente porque é luminosidade específica de um objeto específico. (Chasin, 1995, p. 516)

Emerge aqui, a nosso ver, a tese de um “antimétodo” em Marx. Não obstante a imprecisão inicial de nossa formulação, os termos evidenciam os rastros de uma ruptura cabal de Marx em relação a todo o pensamento moderno, desde Descartes até a configuração plena do método na filosofia especulativa de talhe hegeliano. Implicação referida por Chasin, mas que, em razão do escopo do seu escrito – articular todo um esforço de leitura estrutural, exame categorial e reflexão analítica da obra marxiana não tenha sido talvez aprofundada em todas as suas dimensões críticas (cf. Chasin, 1995, pp. 389-390; 515-519). No entanto, não apenas a *questão do método*, mas também a *articulação* como armação da forma de ser, entre outros aparece como tópicos para futuras investigações. Temas e problemas que indicam o texto chasiniano como verdadeiro luminar de pesquisa, ponto inicial de clarificação de determinadas questões e de indicativos precisos de rotas de pesquisa possíveis. Igualmente, ressaltamos que, não estando o pensamento marxiano centrado na questão de um método como chave do saber, mas na da captação dos aspectos essenciais das coisas e processos, uma questão pertinente é aquela da natureza das próprias categorias em Marx. Ou seja, recolocando a discussão acerca do método em seu verdadeiro nicho, como determinada e não determinante, Chasin assevera a centralidade da questão da delimitação precisa da *coisa* faceada.

Não se trataria então de encravar mais um estandarte epistêmico no terreno das pugnas em torno da fundamentação. Algo que se observa, entre outros, no texto de Manfredo de Oliveira, publicado no mesmo volume, *Pensando com Marx*, como prefácio. Já nas primeiras páginas podemos verificar a motivação de Oliveira em sua descrição do suposto cunho *dialético* de Marx: “como situar a dialética dentro da disputa atual a respeito da racionalidade? A dialética ainda pode levantar a pretensão de emergir como discurso sensato?” (Oliveira, 1995, p. 13). Modo de abordar a obra marxiana que não se cinge pelo caráter particular desta, mas se perfaz partindo de uma demanda externa e a ela estranha, aquela a respeito do fundamento prévio do discurso científico. Ao lado disso, tem-se imediatamente a localização do pensamento marxiano, sem mais, dentro do que se convencionou chamar de *tradição*

dialética, procedimento igualmente visível em Ruy Fausto (1987), por exemplo. O que resulta na defesa de um tipo de tratamento do texto marxiano que o enlaça necessariamente às questões trazidas pelo desenvolvimento das querelas filosóficas sobre o fundamento do saber: “Isso significa que não podemos mais ler Marx hoje sem levar em consideração o nível de consciência epistemológica que se gerou pelo confronto com a crise da razão” (Oliveira, 1995, p. 14). Resulta dessa maneira de pôr as coisas que o texto perde sua textura de *objeto*, de algo por-si, possuindo uma malha determinativa própria, para tornar-se objeto posto por um terceiro, aqui, pela leitura formatada por outra questão exógena: a crise da racionalidade abstratamente tomada. Nesse contexto, a produção marxiana emerge como momento ou parte integrante de uma facção científico-filosófica, a dialética, entendida como “paradigma de pensamento” (Oliveira, 1995, p. 14).

Indo no sentido exatamente oposto, Chasin busca determinar o caráter da reflexão marxiana tomando como ponto de partida o desvendamento de sua lógica interna, tendo por objeto inevitável e irrevogável a objetividade dos textos, peculiar, dos sentidos que os integram e os perfazem. Num momento-chave do texto, Chasin se ocupa da afirmação marxiana segundo a qual as categorias são *Daseinsformen*, formas de ser, de estar-aí, de ser atualmente, constante da *Introdução de 1857*. Declaração que não somente clarifica a posição de Marx acerca do estatuto da teorização e da sua relação com o mundo, mas também ressalta e reafirma o caráter próprio de seu padrão de reflexão. Padrão este que se construiu por meio de um itinerário cujas motivações extravasam o terreno puramente acadêmico. Caminho que Chasin acompanha em partes anteriores do escrito em exame, como processo de gênese que se dá pelo exercício de três críticas de cunho ontológico à tradição. Frise-se o *ontológico*, porquanto não dirigida apenas, e nem primariamente, aos modos de abordagem do objeto, mas à concepção mesma do objeto. O alvo principal, mas não único, foi, desde os primeiros momentos da elaboração do pensamento propriamente marxiano, a identidade hegeliana ente *Ser* e *Idéia*. Segundo Chasin, o que põe em movimento a crítica marxiana, desde meados de 1843, é a oposição resoluta ao padrão especulativo, no empenho de alcançar a determinação precisa da *lógica da coisa*, da forma de ser particular a cada ente ou processo. Nesse sentido, a identificação das categorias como *Daseinsformen* ou *Existenzbestimmungen*, é ponto de chegada da elaboração que se edificava desde a *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, da crítica à especulação e não a afirmação de um preceito metodológico.

Quem diz *formas de ser, determinações de existência, categorias* etc. imediata e inevitavelmente aponta para questões de natureza ontológica. Entender as categorias como *o material transposto e traduzido para a cabeça do homem*, como o faz Marx no posfácio a *O capital* acima referido, longe de ser tão-somente um indicativo de procedimentos, é

antes a colocação da *questão do ser*, das *formas imanentes* e dos *modos pelos quais é possível abordá-lo*. Ou seja, o projeto de esquadrihar na obra marxiana de maturidade os elementos que apontam para a configuração de uma cientificidade de tipo específico, como analítica das formas de ser, necessariamente tem de reportar-se a este problema mais geral. Não significando, então, a mera classificação da reflexão marxiana em algum tipo de discurso acerca da fundamentação do saber ou nalguma corrente epistêmica.

Tema pela primeira vez levantado por Lukács, num dos capítulos de sua última obra (*Para uma ontologia do ser social*)¹, a existência de uma “ontologia” na obra marxiana e das relações desta com a questão de método foi também objeto de exame rigoroso no texto *Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica*, acima referido. Exame este que, entre outras determinações e descobertas importantes, delimita – a nosso ver, com precisão – o problema atinente à correta aproximação da obra de Marx:

a determinação do que é antecede a admissão e o tratamento de temas gnosiso-epistêmicos. Ao contrário de qualquer abordagem sob critério [ou posição] gnosisológico [a], em que um pré-discurso nesse diapasão pretende fundamentar o discurso propriamente dito a respeito do objeto, no pensamento marxiano o tratamento ontológico dos objetos, sujeito incluso, não só é imediato e independente, como autoriza e fundamenta o exame da problemática do conhecimento (Chasin, 1995, p. 400).

Ou seja, no interior do *modus* reflexivo marxiano a questão do saber, enquanto determinação de maneiras de abordagem e tratamento dos objetos, não obstante sua importância, não se põe como lugar central e determinativo. Ao revés, o centro do exame é aqui ocupado pela concreta dilucidação e exposição dos nexos efetivos da coisa, ao menos dos mais decisivos, e da articulação havida entre estes. É somente a partir do cumprimento desta etapa, na qual já se aborda o material, que se pode discutir de modo adequado o problema do método. É característico, a este respeito, o momento em que, nos textos marxianos, aparece a exposição de procedimentos: sempre após o exame de um complexo de categorias qualquer, nunca como fundamento deste exame. Os indicativos metodológicos nunca são apresentados como base da pesquisa, como espaço dos movimentos cognitivos previamente circunscritos por meio da eleição de um princípio procedimental, mas como conjunto de procedimentos já realizados, no transcurso dos quais os nexos mais essenciais das categorias foram trazidos à tona. Vale mencionar, neste sentido, por exemplo, o caso da discussão crítica do método da economia política na *Introdução de 57*, a qual aparece apenas na parte 3, somente depois de Marx, na parte anterior, ter mostrado como se articulam as categorias de *produção*, *consumo*, *troca* e *distribuição* no complexo categorial da produção em geral, indicando na análise a *determinação recíproca* existente

1. Cf. Capítulo I: Questões metodológicas preliminares.

entre elas (Marx, 1983, pp. 24-34).

Além disso, cabe deixar fixado com Chasin que:

a ontologia marxiana não é uma resolução de caráter absoluto, nos moldes do sistema convencional, mas a condição de possibilidade de resolução do saber. É, em outras palavras, um estatuto movente e movido de cientificidade, orienta e é orientado pela ciência e pela prática universal dos homens. Orienta e é orientada, guia e é guiada, corrige e é corrigida. Ou seja, não é um absoluto inquestionável, uma certeza estabelecida por dedução a partir de axiomas, de uma vez para sempre. (Chasin *apud* Vaisman, 2001, p. IX).

A posição ontológica marxiana, deste modo, segundo as descobertas chasinianas, nunca se apresenta como um todo fechado de categorias encadeadas numa ordem de determinações *a priori* e sistemática, nem se postula como último e permanente delineamento da forma do ser. Ao revés, coloca-se, antes de tudo, como

afirmação da objetividade do mundo e a possibilidade de ser conhecido, possibilidade que é sociohistoricamente determinada, exercendo a função de base e guia para a ciência da história, especificamente como ontologia regional do ser social, e que se nutre das ciências e a elas respondem tanto quanto elas mesmas têm de responder aos lineamentos ontológicos pelos quais se guiam, mas os quais não tomam como coágulos de saber imutável. De sorte que ontologia e ciência se potencializam e se criticam recíproca e permanentemente (Chasin *apud* Vaisman, 2001, p. VIII).

Não sendo, então, um conjunto de noções abstratas das quais, sob a égide de um esquema por estas conformado, extrair-se-iam os resultados particulares. Em verdade, é desta última etapa, a compreensão dos resultados, que se ergue uma ontologia estatutária. Assim, a esfera mais geral e a mais particular, no ato de conhecimento, guardam uma relação bem específica, não de concorrência ou excludência, mas de promoção e correção mútuas e contínuas.

O fato de haver na analítica marxiana uma ontologia de natureza *estatutária*, como estamos indicando, não será diretamente abordado aqui, dados os limites do presente artigo. A *ontologia estatutária* não se apresenta como as elaborações altamente sistemáticas, e especulativas, consagradas pela tradição filosófica, mas somente aparece referida às questões específicas enfrentadas pelo padrão de cientificidade de Marx. Ou seja, como tematização ou reflexão atinente àquela dimensão mais geral das coisas analisadas. Examinada ou apontada por Marx sempre no interior da escavação efetiva das formas de ser, na particularidade concreta dos objetos faceados, nunca como momento sistemático de natureza absoluta contraposta ou superposta a eles. Deste modo, um conjunto sintético e provisório dependente prioritariamente da decifração dos traços específicos dos entes e processos. O fazer científico marxiano inclui, como momento seu, a indicação do modo como aparece aquela dimensão referente ao universal, mas sempre de modo subordinado ao desvendamento das formas de objetividade social, cada uma com suas peculiaridades e determinações.

Assim, a dimensão mais universal, compreendida sempre na simplicidade de caráter comum (*Gemeinsame*) não está contraposta à particular, e nem a determina univocamente (Marx, 1983, pp. 20-21). Por esta razão, Chasin a denomina de *ontologia estatutária*, à qual

compete o reconhecimento dessa dimensão mais geral, base para a decifração científica concreta dos casos efetivos, que por sua vez confirmam ou não criticamente a determinação mais geral, ontológica. Não há, portanto, um abismo separando ontologia de ciência, mas a continuidade de momentos distintos de uma mesma unidade de conhecimento, que interagem e se medem reciprocamente, se apoiam, estimulam e criticam num infinito processo constitutivo das certezas (Chasin *apud* Vaisman, 2001, p. XVII).

Sendo, por conseqüência, “o momento mais abstrato do reconhecimento da identidade das coisas por si, enquanto tal um dos momentos distintivos da unidade do saber, do qual participa um segundo, a ciência” (Chasin *apud* Vaisman, 2001, p. XXII). Fixe-se, unidade dos momentos do conhecer, não sua identidade, nem a mera redução de um ao outro. Nem, de um lado, deducionismo *a priori*, nem, de outro lado, pura coleta abstrata de dados da empiricidade imediata, mas escavação categorial, identificação de determinações, de articulações e de diferenças específicas, em suma, a elucidação da lógica específica de uma coisa específica.

Nesse contexto, as relações entre *filosofia* e *cientificidade* assumem um caráter bem diverso daquele postulado tradicionalmente. Não são formas concorrentes e/ou excludentes de conhecimento, nem é razoável supor a submissão de uma a outra. Não se tem, tampouco, aqui, a concatenação entre *ontologia* tomada num sentido geral e *ontologias regionais*. São, ao contrário, dois exercícios cognitivos diferentes em nível de escavação do real e de escopo, mas, simultaneamente, instâncias comunicantes e interdependentes. Ciência e filosofia incrementam-se reciprocamente na medida em que o exercício de intelecção penetra a articulação categorial da concretude, extraindo suas determinações e relações essenciais, ao mesmo tempo em que permite a percepção e a tematização dos aspectos mais gerais da configuração do real. Abordagem da universalidade que não pode ser feita sob pena de recair na especulação, em divórcio com a marcha de desvendamento da *differentia specifica* de cada ente ou processo examinado. Por outro lado, as conclusões de cunho geral permitem o contorno dos horizontes da intelecção e a fixação de alguns parâmetros úteis à pesquisa e à reflexão particulares.

É exatamente a demonstração disso que a última parte do escrito chasiniano em tela, *analítica das coisas*, oferece à avaliação do leitor. Concebido pelo autor como *recopilação de testemunhos*, esse momento busca pôr em relevo a *posição ontocognitiva marxiana*. No interior daquela *unidade de saber* que caracteriza o padrão de cientificidade de Marx, o próprio *método* aparece não como chave fundante da possibilidade do conhecimento, mas como exercício, sempre particular, do próprio conhecer. O mé-

todo marxiano se revela, então, como enfrentamento cognitivo do real pelo indivíduo dotado de forças sociais de apropriação do mundo sem a interposição de qualquer critério ou instrumento ideal, prévio, que o organiza para a tarefa em tela. A não-certeza inicial como ponto de partida da obtenção da certeza e do elucidamento do real em suas conexões íntimas.

É interessante notar que, para Chasin, o padrão marxiano de cientificidade se caracteriza pela “inexistência de qualquer tipo de ante-sala lógico-epistêmica ou apriorismo teórico-metodológico”, o que constitui o lado negativo ou expressão da propositura teórica de Marx, ou seja, da ausência de todo problema de uma fundamentação *a priori* do saber. Tal expressão, longe de desvelar-se como puro déficit ou lacuna, de outra parte, em sua positividade sustenta “a prioridade e a regência do objeto ou, mais rigorosamente, da *coisa* enquanto tal - do entificado real ou ideal em sua autonomia do ato cognitivo - em todo processo do conhecimento” (Chasin, 1995, p. 508). Deste modo, ato ideal e idealidade não podem ser tomados como atividade e produto auto-sustentados. A prioridade da coisa, em seu irremediável e incontornável *por-si*, é que se afirma, segundo Chasin, por toda a obra marxiana o cunho distintivo, dos primeiros momentos, da crítica à especulação impulsionada pelo enfrentamento feuerbachiano do pensamento hegeliano, aos momentos derradeiros constantes das *Glosas a Adolf Wagner*. De passagem, é importante frisar que a identificação assim feita do núcleo gerativo do pensamento marxiano interdita também a postulação de uma ruptura ou corte entre as fases de sua constituição. Este caráter é reafirmado por Chasin, quando, examinando novamente nas páginas seguintes as relações de Marx com Feuerbach, indica:

a aguda inclinação marxiana pelos objetos reais e pela aproximação cognitiva dos mesmos sem qualquer tipo de intermediação metódica antecipadamente estabelecida, gênero da prática teórica esta última que, por natureza, carrega em si o vício da pretensão à autonomia em face das coisas examinadas (Chasin, 1995, p. 511).

Determinada deste modo, a atividade cognitiva como escavação rigorosa e submissão ativa ao objeto tratado revela uma aparente simplicidade, por trás da qual se revelam

as dificuldades de sua exercitação pelo complexo da determinação sócio-histórica do pensamento e da teoria das abstrações [, pois o] desafio das coisas não se altera ou dissolve pela mera disposição ativa do sujeito enfrentar a decifração das mesmas, nem porque detenha a visualização do roteiro analítico a ser cumprido, e sempre como dificuldade se repõe a cada objeto faceado (Chasin, 1995, p. 515).

O que faz sentir aqui, com toda força, o peso da regência do objeto, o qual contém uma lógica própria que não se desvela imediatamente, nem possui uma relação de adequação com a força de abstração, sendo que igualmente ressalta-se neste

passo, já que a marcha das abstrações e a escavação das coisas não se constitui num *diktat* metodológico.

Retomando uma passagem do prefácio da edição francesa de *O capital*, em que se lê: “*Não há estrada principal para a ciência, e apenas aqueles que não temem a fadiga de galgar suas escarpas abruptas é que têm a chance de chegar a seus cimos luminosos*”, Chasin indica a *difficuldade* como elemento constante e ineliminável do processo de escavação do real, seguindo a advertência marxiana de que não existe um caminho pré-configurado na trilha da verdade, não sendo possível a suposição nem a busca de uma chave que abra todas as portas, facultando-nos a apreensão segura e infalível do objeto. Dada a dupla determinação social acima aludida – de um lado, as condições sociais da cognição, e de outro, a existência do objeto enquanto tal –, não há método que garanta a completa e imediata acessibilidade aos nexos essenciais das coisas. Assim sendo, fiel à raiz mesma do termo *mšqodoj* (caminho tortuoso em grego), Chasin completa a argumentação de modo forte, asseverando, numa das passagens que julgamos ser das mais belas já lidas, a qual nos permitimos citar integralmente, que:

Não há guias, mapas ou expedientes que pavimentem a caminhada, ou pontos de partida ideais previamente estabelecidos. O rumo só está inscrito na própria coisa e o roteiro de viagem só é visível, olhando para trás, do cimo luminoso, quando a rigor já não tem serventia, nem mesmo para outras jornadas, a não ser como cintilação evanescente, tanto mais esquiva ou enganosa quanto mais à risca for perseguida, exatamente porque é luminosidade específica de um objeto específico. As pegadas que ficam podem ser esquadrinhas e repisadas, não são inúteis, mas não ensinam a andar, precisamente como procede a teoria das abstrações, que descreve [grife-se isto!] a universalidade das passadas, sem prescrever por si só um único passo concreto de qualquer escalada concreta, mérito e segredo do *método marxiano*, que centra no respeito à integridade ontológica das coisas e dos sujeitos – estes reconhecidos objetivamente em *posição* [*Standpunkt!*] e, correlativamente aos graus de maturação dos objetos, suscetíveis de intensificação ou desatualização para devassa analítica daqueles e de si próprios – a resolução do complexo problemático do conhecimento. (Chasin, 1995, p. 516)

Tornam-se patentes todas as conseqüências da afirmação de que não há em Marx, a rigor, uma *questão de método*, ou seja, a recuperação do rumo tracejado na apreensão da lógica das coisas, enquanto caminho do cérebro, é apenas de cunho descritivo, jamais pode pretender à prescrição metódica. Neste contexto, cada entificação concreta teria seu método, cada destino, que somente existe como destino a ser alcançado, o verdadeiro, não dominado no início, tem sua própria rota. Negação de segredos metodológicos ou de um *passé-partout* epistemológico que facultassem o descortino do objeto que é, concomitantemente, a afirmação por princípio da possibilidade do conhecimento objetivo, não evidentemente da inevitabilidade da verdade. O verdadeiro é uma meta e, ao mesmo tempo, uma aquisição ou conquista do exercício da cognição, o qual não pode pretender a posse de uma garantia ou cer-

teza *a priori* arrimada na mera eleição de um conjunto de procedimentos de suposta validade absoluta.

A descoberta chasiniana, mais que trazer à tona alguns dos elementos essenciais da construção teórica marxiana, põe na ordem do dia a *objetividade do mundo* como princípio fundante da inteligência. Posição teórico-prática que se coloca imediatamente no terreno de luta ideológica, porquanto se a enuncia na contramão das linhas dominantes na academia, com vigor especial nas ciências humanas. Nada mais desagradável em tempos nos quais vive a triste ilusão de uma subjetividade tida como onipotente, que em sua aparente pluripotência cria *mundos*, que a reafirmação do primado do efetivo. Não no sentido da destituição do sujeito, mas no da revelação do sujeito como algo mais que *subjetividade*. O sujeito é ele mesmo um objeto real, concreto, social, dotado de aspectos e propriedades que podem ou não incrementar-se, podem ou não, dependendo das determinações histórico-sociais, tornarem-se capacidades operativas e criativas. A escavação da obra marxiana, com o achado de seu *estatuto ontológico*, de seu caráter e conteúdo de ser, estimula e exige, simultaneamente, uma reconfiguração das formas pelas quais se entende o *sujeito* e o *mundo* humanos.

Referências bibliográficas

CHASIN, José. "Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica". In: *Pensando com Marx*. São Paulo: Ensaio, 1995.

FAUSTO, Ruy. Prefácio. In: *Marx: lógica e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MARX, K.. Einleitung zun den Grundrissen der Kritik der Politischen Ökonomie. In: *Marx-Engels Werke*, Band 42, Dietz Verlag, Berlin, 1983.

VAISMAN, Ester. Dossiê Marx: itinerário de um grupo de pesquisa. *Revista Ensaios Ad Hominem*. Santo André: Estudos e Edições Ad Hominem, n. 1, t. IV, 2001..